

NOTAS DE RODAPÉ: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A CRÔNICA LITERÁRIA NO BRASIL E OS PERIÓDICOS DO SÉCULO XIX

Alana de O. Freitas El Fahl¹

“Um cronista é um indivíduo encharcado de seu tempo.”

Affonso Romano de Sant’Anna

1 TEMPOS DE TIPOS E LETRAS: A IMPRENSA COMO PÚLPITO

A segunda metade do século XIX foi um período dos mais dinâmicos na História do Brasil. O pensamento intelectual recebeu diversos influxos científicos e filosóficos provenientes de uma Europa em transformação. O Brasil vivia ideais de movimentos que agitavam as elites culturais da época. As campanhas abolicionistas e republicanas, assim como a crescente industrialização e urbanização, exigiam novas posturas de pensamento por parte dos artistas e intelectuais.

Diversos acontecimentos relevantes se enfileiravam, à medida em que a sociedade assistia perplexa a tais transformações sociais, econômicas e políticas que se sucediam em ritmo frenético, como observa Sílvio Romero¹: “Um bando de idéias novas esvoaçou sobre nós de todos os pontos do horizonte”.

Os agenciadores da cultura viviam entre as idéias e a militância. Ser abolicionista ou escravocrata, republicano ou monarquista representava posições ideológicas que dividiam a intelectualidade da época.

A atividade jornalística vem somar-se a esse cenário de discussões acaloradas, que nessa fase destaca-se como a mais importante formadora de opinião da sociedade brasileira. A hegemonia da imprensa nesse campo é potente, uma vez que não existiam outros meios de comunicação de massa e a atividade editorial, ou seja, a circulação de livros, ainda era muito incipiente.

¹ Alana de Oliveira Freitas El-Fahl é Professora Adjunta da Universidade Estadual de Feira de Santana.

O homem letrado funcionava como uma espécie de farol disseminador dos novos pensamentos. A militância nos jornais torna-se condição *sine qua non* dos intelectuais da época. Os discursos em torno da tríade do progresso, abolição, república e democracia, povoavam os periódicos.

Sevcenkoⁱⁱ elenca os itens que constavam na pauta de reivindicações da intelectualidade da época para elevar o Brasil ao posto de país civilizado:

Os tópicos que esses intelectuais enfatizavam como as principais exigências da realidade brasileira eram: a atualização da sociedade com o modo promanado da Europa, a modernização das estruturas da nação, com a sua devida integração na grande unidade internacional e a elevação do nível cultural e material da população.

A passagem citada delinea o perfil combatente das elites culturais dessa fase, mostrando que o engajamento político fazia parte do projeto das letras no País, que naquele momento era simbolizado pelo Rio de Janeiro.

O jornalismo sempre foi um segmento profissional que atuou de forma incisiva nas polêmicas culturais do país. O papel do jornal se configura nessa época como um meio eficaz de multiplicação do “bando de idéias novas”. Funcionando como um púlpito, os homens de letras utilizavam o veículo jornalístico como um palco ou tribuna da qual partiam os vários discursos que agitavam a sociedade na virada do século.

Nesse espaço, o escritor dos jornais passa a ter uma função central na estimulação das idéias que circulavam então. Seus textos passam a representar o elemento propagador do pensamento vigente naquele período.

Nessa fase, o papel do jornalista e do escritor se confundem e se interpenetram. Entre essas atividades não existia uma linha demarcatória que separasse as duas funções, embora, de maneira sutil, essa separação estivesse próxima de acontecer, a partir da ascensão da figura do cronista, que terá a responsabilidade de tentar distinguir o jornalista, do escritor propriamente dito. Sobre esse panorama, observa Werneck Sodréⁱⁱⁱ:

É evidente que isso está muito longe de significar que comece a ter vigência uma atividade literária autônoma, que seja possível ao escritor subsistir apenas como tal. Mas há um caminho literário de participação, há, em muitos casos, uma atividade que o homem de

pensamento, embora exerça profissionalmente outras atividades, viva de outras profissões, exerce como escritor, na qualidade de escritor. E é uma fase em que essa participação se faz sentir de uma forma acentuada: os escritores estão presentes, nessa qualidade, na campanha republicana, na campanha abolicionista, na campanha de consolidação do novo regime. Não importa que tenha havido divergências, e até equívocos, na forma como optaram por este ou aquele lado. O que importa é verificar como a fase em questão se caracterizou por uma intensa atividade intelectual e por uma intensa participação do escritor na vida e no que ela apresentava à sua escolha.

Pode-se perceber então, a participação efetiva da imprensa na construção do ideário da época, e o posicionamento do escritor como um impulsionador desse processo ideológico. Sandra Pesavento^{iv}, ao falar da atuação dos cronistas do período, destaca-os “como intelectuais armados do poder da palavra escrita”, que registravam as tendências da época, atuando como orientadores das preferências do público.

Nesse panorama, se consolida a figura do cronista que, ao escrever suas colunas nos periódicos da época, contribuirá para a construção de um veículo que possibilitasse a discussão intelectual no país.

2 UMA HISTÓRIA DA CRÔNICA - A TRAIÇÃO DO TEMPO

Nesse contexto social, agitado pelas campanhas políticas em curso, surge, nas páginas dos periódicos brasileiros, a figura do cronista, profissional das letras, que terá uma participação de grande importância na consolidação do papel social do escritor brasileiro. Para a compreensão da crônica desde a sua gênese em língua portuguesa até a sua circulação diária nos jornais brasileiros do século XIX, é necessário uma retomada do seu percurso.

A princípio, o termo *crônica* foi usado para denominar uma modalidade textual que se filiava à História. A crônica na Idade Média e início da Idade Moderna era um tipo de texto que objetivava enfileirar, cronologicamente, acontecimentos históricos que merecessem ser lembrados na posteridade. Assim, temos em Portugal no século XV a famosa figura de Fernão Lopes (1380/1390-1460), funcionário real, cronista-mor da Torre do Tombo, que tinha por missão “*poer en carônica as estórias dos Reys, que*

⁴ Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários, 4., 2010, Feira de Santana. *Anais*. Feira de Santana: Uefs, 2013.

antigamente em Portugal foram; e esse mesmo os grandes feytos e altos do muy virtuoso, e de grandes vertudes”.

Outro uso do termo crônica naquela época se aplicava aos relatos dos viajantes. As crônicas de viagens dos portugueses no século XVI, fruto da mentalidade expansionista, buscavam descrever as terras recém descobertas pelos viajantes europeus, tendo como destaque os textos que falam sobre o Brasil, como as crônicas de Pero Gandavo e Gabriel Soares de Souza, ou ainda os textos de Fernão Mendes Pinto sobre as terras do oriente e a própria Carta de Pero Vaz de Caminha, que também desenvolve um discurso cronológico sobre as novas terras de além-mar.

Esses escritos também receberam o título de crônica por relatarem os fatos ligados às viagens marítimas em forma de cronologia, lembrando assim a etimologia da palavra — *crônica* — do grego *kronós*, tempo e do latim, *annu* (m), *ano*; *anais*, que em suas raízes lingüísticas sempre se relaciona à noção de tempo. A crônica, no sentido mais literário do termo, como se conhece hoje, começou a adquirir a sua face, ainda que *pari passu* com o jornalismo, no século XIX na França, e logo em seguida, aclimatando-se, irreversivelmente, no Brasil.

A nossa crônica, como hoje é conhecida, é filha legítima do folhetim (do francês *feuilleton*), que consistia em um espaço localizado no rodapé dos jornais, com o objetivo único de divertir ou entreter o leitor, como uma espécie de pausa ou de bônus para os olhos cansados das notícias densas que sempre povoaram os periódicos.

Com o passar do tempo, essa coluna de rodapé passou a ser um forte recurso para atrair o público leitor dos jornais. Todos os periódicos de renome publicavam o seu folhetim, atraindo assim, nesse período, um grande número de leitores. O gênero foi logo incorporado pela imprensa como um importante elemento para impulsionar a venda dos jornais. A ânsia de saber o desenrolar do próximo capítulo, já que o folhetim era uma espécie de romance em etapas, no qual os episódios se enfileiravam consecutivamente, faziam as vendas se multiplicarem.

O desenvolvimento do gênero passa a ser impulsionado simultaneamente à evolução da imprensa no Brasil como observa Afrânio Coutinho^v na *Enciclopédia da Literatura Brasileira*:

^{4º} Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários, 4., 2010, Feira de Santana. *Anais*. Feira de Santana: Uefs, 2013.

Mas a crônica vem a incorporar-se aos hábitos da nossa imprensa quando se deu o desenvolvimento da imprensa, com a sua modernização, quando se adotam as ilustrações a pena e os clichês fotográficos, quando se aumenta o número das edições. Dispondo de maior espaço, o jornal se enriquece de atrativos e com o noticiário, o grave artigo de fundo e a seções ordinárias, transforma a crônica em matéria cotidiana, como recreio do espírito, amável e brilhante cintilação da inteligência

A citação registra um importante elemento de fomentação do gênero, já que a imprensa foi o elemento motor da evolução da crônica literária no Brasil, funcionando como um arquivo constante de produção e reelaboração dessa modalidade narrativa. A difusão da crônica foi impulsionada pelo próprio frêmito daqueles anos intensos. A atividade do escritor/jornalista se desenvolvia em consonância com a agitação provocada pelos pensamentos modernizadores que ataçavam a sociedade. Sobre a produção dessa época, afirma Sandra Pesavento^{vi}:

Herdeira do folhetim, a crônica encontrou, no século XIX, seu veículo de difusão dos jornais, naquele momento em que a sociedade burguesa impunha ao mundo o ritmo do progresso e da busca incessante do novo. O desenvolvimento dos meios de comunicação e a velocidade da notícia imprimiram à vida urbana um padrão de consumo rápido das informações.

Na afirmativa de Pesavento, é importante notar o destaque que a autora dá ao novo padrão de consumo de informações relacionado à urgência da busca do progresso e do novo, anseios que embalavam as elites intelectuais da época desejosos de reproduzir no Brasil um modelo de vida européia, mais precisamente um decalque francês.

De fato, no período compreendido entre o último decênio do século XIX e as primeiras duas décadas do século seguinte, o Brasil passou por um denso processo de “modernização”, período que Nicolau Sevcenko batiza com propriedade de a “inserção compulsória do Brasil na *Belle Époque*”.

Na esteira dessa atmosfera modernizadora, a atividade literária nos jornais multiplicava-se, uma vez que o desenvolvimento cultural fazia parte da agenda “civilizatória”. Juntamente com as reformas urbanas e reformas de costumes impostas

pela *Belle Époque*, era necessário difundir a literatura em um país que buscava equiparar-se aos centros progressistas.

Dessa forma, a circulação literária era uma ferramenta importante para a regeneração de um povo “culturalmente atrasado”. Dois tipos de textos literários se destacam como expoentes do período: o folhetim-romance e o folhetim-variedades, precursores, respectivamente, dos nossos romances e de nossas crônicas.

O folhetim-romance e o folhetim-variedades eram os dois tipos de folhetins veiculados pela imprensa do século XIX. O primeiro, como o nome sugere, são textos de ficção, ancestrais da radionovela e telenovela atuais, romances fragmentados em capítulos e publicados periodicamente para o deleite dos leitores. A princípio, publicando apenas produções estrangeiras, mas logo cedendo espaço aos autores nacionais, o folhetim-romance foi a matriz dos grandes romances brasileiros do século XIX e do início do século XX. Antes de tomarem o formato de livro, foram publicados em forma de folhetins, por exemplo, *O Guarani*, de José de Alencar, *Memórias de um Sargento de Milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, *O Ateneu*, de Raul Pompéia e *O Triste Fim de Policarpo Quaresma*, de Lima Barreto.

Já o outro tipo de texto, o folhetim-variedades, foi o que de fato deu origem às raízes do que se denomina hoje de crônica literária. Ao lado do folhetim-romance, também nos rodapés dos jornais, lá estava aquele texto de teor diversificado, bem diferente das matérias formais, que se encarregava de registrar e comentar fatos do dia-a-dia. Desse espaço reduzido e “imprensado” nas páginas dos jornais é que surgiu esse gênero narrativo, tão difundido e explorado na atualidade.

O folhetim de variedades, também chamados de *varietés*, logo conquistou o gosto do público, sendo essa a principal razão para a sua manutenção e modificação ao longo dos anos. Sobre esse processo de mutação do folhetim, observa Antonio Candido^{vii} no artigo *A Vida ao Rés-do-Chão*, no qual explora a trajetória e a natureza da crônica:

Antes de ser crônica propriamente dita foi “folhetim”, ou seja, um artigo de roda-pé sobre as questões do dia – políticas, sociais, artísticas e literárias. Assim eram os da secção “Ao Correr da Pena”, título significativo à cuja sombra José de Alencar escrevia semanalmente para o *Correio Mercantil*, de 1854 a 1855. Aos poucos o folhetim foi encurtando e ganhando certa gratuidade, certo ar de

4º Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários, 4., 2010, Feira de Santana. *Anais*. Feira de Santana: Uefs, 2013.

quem está escrevendo à toa, sem dar muita importância. Depois, entrou francamente pelo tom ligeiro e encolheu de tamanho, até chegar ao que é hoje.

Portanto, a crônica literária brasileira não surge simultaneamente com os jornais brasileiros, mas se desenvolve a partir do instante em que esses periódicos passam a ter edições mais frequentes e mais disponíveis para os leitores. Assim, criou-se a figura do folhetinista, ancestral do atual cronista. O sucesso de sua coluna dependia do seu próprio talento para as letras, e também do seu labor, pois com o aumento da demanda, a sua produção passou a ser praticamente diária para alimentar a voracidade dos leitores.

Autores consagrados pelos seus romances, como José de Alencar e Machado de Assis, durante muito tempo atuaram como colaboradores efetivos de jornais de grande circulação no Rio de Janeiro, trazendo ao grande público suas opiniões repletas de refinamento intelectual, onde o cotidiano era ressignificado de forma literária. Como por exemplo, podemos lembrar o trabalho de Machado de Assis na série de crônicas intitulada *Bons-Dias*.

A tradição da coluna literária de crônicas no Brasil invadiu o século XX, perpetuando-se ao longo dos anos. O gênero parece ter se ambientado de tal maneira no país, que um estudo detalhado de sua evolução revelaria muito da identidade nacional, pois a crônica revela uma profunda intimidade com o cotidiano do brasileiro.

A função de cronista tornou-se mesmo uma profissão, já que era uma atividade remunerada. Segundo Brito Broca^{viii}, as contribuições de melhor aceitação já rendiam alguns contos de réis mensais para o autor, aproximadamente 50 mil réis por texto. Na atividade, surgem e consolidam-se nomes como José de Alencar (1829-1877), Machado de Assis (1839-1908), França Júnior (1838-1890), Aluisio de Azevedo (1857-1913) e Artur de Azevedo (1855-1908), autores que se destacaram em outras atividades literárias, mas que também contribuíram para a história da crônica no Brasil.

A trajetória da crônica literária no Brasil tem destacado vários nomes que cultivaram o gênero e contribuíram para a sua evolução, desde o formato inicial até o modelo flexibilizado de hoje, como pode demonstrar uma leitura das crônicas do final do século XIX, perpassando todo o século XX, tais como Olavo Bilac, Carlos de Laet, João do Rio, Stanislaw Ponte Preta, Rubem Braga, Carlos Drummond de Andrade,

^{4º} Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários, 4., 2010, Feira de Santana. *Anais*. Feira de Santana: Uefs, 2013.

Fernando Sabino, e mais recentemente, Luís Fernando Veríssimo, João Ubaldo Ribeiro e Hélio Pólvora.

Para Carlos Ribeiro^{ix}, no seu livro *Caçador de Ventos e Melancolias*, no qual analisa o lirismo das crônicas de Rubem Braga, “a crônica moderna no Brasil inclui a presença de vários tipos de textos literários e/ou jornalísticos, tais como: a reportagem, o conto, as memórias e a poesia”. Observa-se que a crônica, por sua natureza híbrida, entre o jornalismo, a literatura e a história, sempre foi objeto de polêmicas sobre a sua difícil conceituação, de certa forma dificultando a sua inserção como um gênero canônico.

Um fato interessante sobre esse aspecto, e que parece percorrer toda a história da crônica no Brasil, é o caráter metalingüístico que o cronista aprecia explorar em todas as épocas. Talvez pela natureza indócil aos rótulos da teoria literária, os cronistas sempre se dedicaram a escrever sobre a própria crônica, sobre o seu próprio artefato, sobre a sua oficina e sobre o seu ofício. Diante da página em branco que precisa ser preenchida para o dia seguinte deleitar os seus leitores, o cronista muitas vezes expõe as inquietações do seu ofício.

A intensa atividade literária nos jornais foi uma marca significativa do período compreendido entre o último quartel do século XIX e as duas primeiras décadas do século XX, ou seja, entre as reformas do fim do século e Primeira Guerra Mundial, como situa Werneck Sodré na sua *História da Literatura Brasileira – Seus Fundamentos Econômicos*.

Durante essa fase, os textos literários passam a ser um dos pilares da atividade jornalística. De maneira geral, todo periódico possuía espaços dedicados à produção literária. A indústria do livro no país era praticamente inexistente. A edição francesa dominava o mercado brasileiro, seguida pela produção portuguesa. A circulação de exemplares ocorria de forma limitada. Sobre esse período de consolidação da crônica, face à escassez dos livros, Carlos Ribeiro^x faz a seguinte observação:

Definia-se, assim, o ambiente adequado para uma forma de comunicação social que já antecipava, em alguns aspectos, a cultura de massa do século XX. A literatura, na sua acepção mais popular, passava a ser um artigo de consumo, cuja forma mais conhecida, o folhetim, era resultado da fusão de duas linguagens distintas – a

^{4º} Encontro Nacional de Pesquisadores de Periódicos Literários, 4., 2010, Feira de Santana. *Anais*. Feira de Santana: Uefs, 2013.

literária e a jornalística -. O livro não era mais veículo exclusivo e privilegiado da expressão literária de uma elite cultural.

Essa lacuna viria justamente a ser amenizada pelas publicações literárias veiculadas nos jornais. Sobre essa mesma fase da atividade literária brasileira, Werneck Sodré^{xi} é de opinião semelhante a Ribeiro:

À imprensa cabe, então, suprir aquela deficiência. Já com um aspecto novo, conforme ficou referido: anteriormente, as atividades do escritor e do jornalista se confundiam na mesma pessoa, via de regra; agora elas se separam, mas o escritor ainda é uma peça importante na imprensa, desempenha nela um papel, tem um lugar, do que lhe resulta proveito, como escritor. E há, nesse campo, uma liberdade de opinião relativamente ampla, porque a imprensa não está estreitamente ligada aos grupos econômicos... E a sua atividade através da imprensa traduz justamente a coincidência de ser esta, em maioria expressiva, a intérprete dos sentimentos da classe nova que pressiona no sentido de reivindicar o papel que lhe cabe na vida brasileira (...) Mas começava a aparecer, e se aprofundava, a consciência do papel do escritor

As afirmativas de Carlos Ribeiro e Werneck Sodré constroem um panorama claro do contexto literário em questão. Os jornais utilizavam amplamente a colaboração voluntária, bem como já existiam escritores contratados para esse mister, possibilitando uma maior circulação dos textos literários, e, sobretudo, dos valores veiculados pelos mesmos. As colunas literárias passam a freqüentar cotidianamente as páginas dos jornais. As colunas se sucedem em profusão na trajetória da imprensa brasileira.

Como já foi dito, a crônica oriunda do folhetim-variedades a princípio habitava o rodapé, ora da primeira página, ora de outras secundárias. Com o passar do tempo, a crônica sofrerá uma mutação de espaço, ganhando posições de maior destaque. Ao trair o tempo do qual é filha, certamente sobreviverá ainda por muitos anos.

Para Beatriz Resende^{xii}, a crônica se consolida e se constitui como um verdadeiro espaço “de experimentação e investigação livre sobre a realidade brasileira”. Essa afirmativa se comprova, uma vez que a liberdade do cronista outorga-lhe o direito de mostrar o país através de um recorte de cenas que apresenta um mosaico social do país em determinada época.

A crônica literária representa um tipo de narrativa que possui um itinerário de destaque para a História da Literatura Brasileira, ainda que injustamente inferiorizada nos cânones do nosso sistema cultural, ela vem, ao longo dos anos, fazendo parte do universo intelectual do país, e, sobretudo, do repertório textual dos nossos leitores e, certamente, conferindo momentos de grande prazer aos pesquisadores que se encontram aqui reunidos nesse grato evento.

NOTAS

- ⁱ Romero, apud Bosi, 1997, p.184.
- ⁱⁱ Sevcenko, 1999, p.79.
- ⁱⁱⁱ Sodré, 1964, p.431-2.
- ^{iv} Pesavento, 1999, p.178.
- ^v Coutinho, 2001, p.559.
- ^{vi} Pesavento, 1999, p.181.
- ^{vii} Candido, 1992, p.15.
- ^{viii} Broca, 1955.
- ^{ix} Ribeiro, 2001, p.31.
- ^x Ribeiro, 2001, p. 27.
- ^{xi} Sodré, 1964, p. 433.
- ^{xii} Rezende, Beatriz. 1993, p.62.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a apresentar um panorama das origens da crônica literária no Brasil na segunda metade do século XIX e o papel dos periódicos em sua divulgação e consolidação como gênero literário. Tal período foi marcado por uma efervescência política alimentada, sobretudo, pelos movimentos abolicionista e republicano cujas vozes pululavam nas páginas dos principais jornais da época, fase que Silvio Romero denominou de “um bando de idéias novas”. Dentre essas idéias novas, pode-se incluir a crônica, pois é também dessa fase a configuração da crônica literária brasileira, narrativa híbrida composta pela tríade Literatura, História e Jornalismo que continua a fazer parte dos principais jornais do país e ainda atrai leitores encantados com o seu olhar singular sobre o cotidiano.

PALAVRAS-CHAVE: Crônica. Periódicos. Literatura brasileira

ABSTRACT

The present study has as its aim to present an Outlook of the origins of the literary chronicle in Brazil in the second half of the 19th century as well as the role of the

periodicals in its dissemination and consolidation as a literary genre. This period was marked by political effervescence fueled mostly by the republican and abolitionist movements whose voices were present in the pages of the main newspapers of that time, phase that was called by Silvio Romero as “a bunch of new ideas”. Amongst these ideas it is possible to include the chronicle, since it is also in this period that takes place the configuration of the Brazilian literary chronicle, hybrid narrative composed by Literature, History and Journalism that is still part of the country main newspapers and still attracts readers, delighted with its singular look over everyday life.

KEYWORDS: Chronicle. Periodicals. Brazilian Literature.

REFERÊNCIAS

- BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3ª ed., São Paulo: Cultrix, 1997.
- BROCA, Brito. *A Vida Literária no Brasil - 1900*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1955.
- CÂNDIDO, Antonio [et. al.]. *A Crônica: O Gênero, sua fixação e suas transformações no Brasil*. Fundação Casa de Rui Barbosa. Campinas: Ed. da UNICAMP, 1992.
- COUTINHO, Afrânio. *Enciclopédia da Literatura brasileira*. Dir. J. Galante de Souza. Vol.I. São Paulo: Ed. Global, FBN e ABL, 2001.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade – Visões Literárias do Urbano – Paris, Rio de Janeiro e Porto Alegre*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 1999.
- RESENDE, Beatriz. *Lima Barreto e o Rio de Janeiro em fragmentos*. São Paulo: UFRJ/UNICAMP, 1993.
- RIBEIRO, Carlos. *Caçador de Ventos e Melancolias – um estudo da lírica nas crônicas de Rubem Braga*. Salvador: EDUFBA, 2001.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como Missão: Tensões Sociais e Criação Cultural na Primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- SODRÉ, Nelson Werneck. 4 ed , *História da Literatura Brasileira – Seus Fundamentos Econômicos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1964.

NOTAS

ⁱ Romero, apud Bosi, 1997, p.184.

ⁱⁱ Sevcenko, 1999, p.79.

ⁱⁱⁱ Sodré, 1964, p.431-2.

^{iv} Pesavento, 1999, p.178.

^v Coutinho,2001, p.559.

^{vi} Pesavento, 1999, p.181.

^{vii} Candido,1992, p.15.

^{viii} Broca,1955.

^{ix} Ribeiro, 2001, p.31.

^x Ribeiro, 2001, p. 27.

^{xi} Sodré,1964, p. 433.

^{xii} Rezende, Beatriz. 1993, p.62.